



Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas

ISSN: 2316-2058

editorialregep@gmail.com

Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas

Brasil

Araújo, Felipe Emidio de; Morais, Fábio Rogério de; Pandolfi, Edgar de Souza

A Fábula Dos Mortos-Vivos: Determinantes da Mortalidade Empresarial Presentes em Micro e Pequenas Empresas Ativas

Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, vol. 8, núm. 2, 2019, Mayo-, pp. 250-271

Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.14211/regepe.v8i2.763>

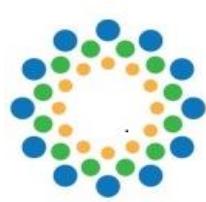
Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=561566630010>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto



<https://doi.org/10.14211/regepe.v8i2.763>

A FÁBULA DOS MORTOS-VIVOS: DETERMINANTES DA MORTALIDADE EMPRESARIAL PRESENTES EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS ATIVAS

Recebido: 25/07/2018

Aprovado: 27/11/2018

¹Felipe Emidio de Araújo

²Fábio Rogério de Moraes

³Edgar de Souza Pandolfi

Objetivo: O objetivo da pesquisa foi identificar os fatores determinantes da mortalidade empresarial, verificar a presença desses fatores em empresas ativas e analisar as causas da sobrevivência de empresas em que os determinantes da mortalidade estão presentes.

Método: Utilizou-se de abordagem quantitativa para pesquisa de tipologia explicativa. O estudo de campo teve a coleta de dados por meio de escala *Likert* e a análise de dados foi realizada por meio de comparação de média entre grupos, análise fatorial confirmatória (AFC) e regressão linear, para os testes de hipóteses. Os dados foram coletados em MPEs, localizadas em um município da região norte do Brasil, com base em amostragem para população conhecida.

Originalidade/Relevância: O estudo apresenta parâmetros de medição e de identificação de determinantes da mortalidade empresarial em MPE's ativas e justifica o fato de as determinantes da mortalidade não possuírem efeito letal em algumas MPE's.

Resultados: A confirmação das hipóteses permite afirmar que, nesta amostra, a presença de variáveis determinantes da mortalidade empresarial em empresas ativas incorre em um sistema de compensação, em que a presença de uma variável determinante da morte é compensada por outra determinante do sucesso.

Contribuições teóricas/metodológicas: O sistema de compensação entre as variáveis de morte e de sucesso em MPE's demonstram o modo como a presença de fatores de morte em empresas ativas pode ser compensado por outra variável com alto potencial de sobrevivência da empresa.

Palavras-chave: Micro e Pequenas Empresas. Determinantes da Mortalidade Empresarial. Empresas Ativas.

¹ Faculdade de Educação de Tangará da Serra – FAEST, Mato Grosso, (Brasil). E-mail: felipeemidio@outlook.com

² Universidade Federal de Rondônia –UNIR, Rondônia, (Brasil). E-mail: moraismarco@outlook.com
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-7348-5203>

³ Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Rondônia, (Brasil). E-mail: edgar.pandolfi@hotmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-0290-4049>



THE FABLE OF THE LIVING DEAD: DETERMINANTS OF CORPORATE MORTALITY PRESENT IN MICRO AND SMALL ACTIVE ENTERPRISES

Purpose: The main objective of the study is to identify the determinants of corporate mortality in the literature, recognize the presence of these factors in active companies and examine the causes of corporate survival in firms where these determinants of mortality are present.

Design/methodology: The research used a quantitative approach of explanatory typology. Data were collected using the Likert scale and the mean of the groups, Confirmatory Factor Analysis (CFA) and Linear Regression were used to confirm or refute the hypothesis. The data were collected in 94 SMEs located in a municipality in the north of Brazil, in order to compare the theoretical indications with the empirical evidence on the determinants of corporate mortality in active companies.

Originality / Relevance: The study presents parameters for measuring and identifying determinants of corporate mortality in active MPEs and justifies the fact that the same determinants of mortality do not have a lethal effect on some MPEs.

Findings: Confirmation of the hypotheses allows us to affirm that in this sample, the presence of determinants of corporate mortality in active companies incurs a compensation system, in which the presence of a variable with determinant level of death is compensated by another one with determinant level of success. This system of compensation between variables throws light on the presence of determinants of mortality in active companies and emphasizes their relevance for the survival of the company.

Theoretical / methodological contributions: The compensation system between of the death and of success variables in SME's demonstrate how the presence of death factors in active companies can be compensated by another variable with high potential for survival of the company.

Keywords: Micro and Small Enterprises. Determinants of Corporate Mortality. Active Companies.

LA FÁBULA DE LOS MUERTOS VIVOS: DETERMINANTES DE LA MORTALIDAD EMPRESARIAL EN MICRO Y PEQUEÑAS EMPRESAS ACTIVAS

Objetivo: El objetivo de la investigación fue identificar los factores determinantes de la mortalidad empresarial, verificar la presencia de estos factores en empresas activas y analizar las causas de la supervivencia de empresas en que los determinantes de la mortalidad están presentes.

Método: Se utilizó de enfoque cuantitativo para la investigación de tipología explicativa. El estudio de campo tuvo la recolección de datos por medio de escala Likert y el análisis de datos fue realizado por medio de comparación de promedio entre grupos, análisis factorial confirmatorio (AFC) y regresión lineal, para las pruebas de hipótesis. Los datos fueron recolectados en MPEs, ubicadas en un municipio de la región norte de Brasil, con base en muestreo para población conocida.

Originalidad / Relevancia: El estudio presenta parámetros de medición y de identificación de determinantes de la mortalidad empresarial en MPE's activas y justifica el hecho de que los determinantes de la mortalidad no tienen efecto letal en algunas MPE's.

Resultados: La confirmación de las hipótesis permite afirmar que, en esta muestra, la presencia de variables determinantes de la mortalidad empresarial en empresas activas incurre en un sistema de compensación, en que la presencia de una variable determinante de la muerte es compensada por otra determinante del éxito.

Contribuciones teóricas / metodológicas: El sistema de compensación entre las variables de muerte y de éxito en MPE's demuestra el modo como la presencia de factores de muerte en empresas activas puede ser compensado por otra variable con alto potencial de supervivencia de la empresa.

Palabras clave: Micro y Pequeñas Empresas. Determinantes de la Mortalidad Empresarial. Empresas Activas.



1 INTRODUÇÃO

Antes de tudo, é importante ressaltar que mortalidade organizacional é objeto de pesquisas há aproximadamente um século (Amankwah-Amoah, 2016; Carroll, 1983). Ao longo desse período, houve contribuições para diferentes tipos organizacionais, setores econômicos e posicionamentos geográficos e culturais. Houve grande diversidade de pesquisas sobre esse tema e os estudos sobre a sobrevivência das Micro e Pequenas Empresas (MPEs) ganharam destaque na literatura organizacional a partir da década de 1980 (Escrivão, Albuquerque, Nagano, & Oliveira, 2017). O interesse sobre as causas da sobrevivência e da mortalidade das MPEs no contexto brasileiro deve-se à importância dessas organizações para a economia regional, sua participação no PIB (Produto Interno Bruto) e a contribuição para a melhor distribuição de renda (Nascimento, Lima, Lima, & Ensslin, 2013; Sebrae, 2013; Alves, Silva, Tavares, & Dal-Soto, 2013).

No entanto, embora se saiba da importância social e econômica das MPEs, os altos índices de mortalidade têm motivado os pesquisadores brasileiros a concentrarem-se nos fatores que determinam a mortalidade dessas organizações (Albuquerque, & Escrivão, 2012; Albuquerque, Escrivão, & Terence, 2016; Escrivão et al., 2017). Porém, um aspecto limitante dessas pesquisas é o olhar focado nos fatores de mortalidade em empresas inativas ou mortas, quando há evidências teóricas de que esses determinantes de morte empresarial também estão presentes em empresas ativas e longevas. No entanto, poucas pesquisas analisaram a presença de determinantes da mortalidade em MPEs ativas e quando o fizeram, buscaram identificar quais eram os fatores presentes (Xavier, Carvalho, Silva, Rezende, & Longuinhos, 2009). Assim, torna-se essencial o olhar sobre os elementos pertinentes à presença de determinantes da mortalidade em MPEs e, mesmo nessas condições, as causas para a manutenção da vida, para entender os motivos da longevidade de MPEs em cenários econômicos, empresariais e de empreendedorismo adversos.

Desse modo, o objetivo deste estudo não é classificar os fatores determinantes da mortalidade de MPEs, mas fazer o recorte na literatura disponível e delimitar as dimensões adotadas nesta pesquisa, tais como: fatores internos e externos que estejam relacionados ao empreendedor, à empresa e ao ambiente (Albuquerque, & Escrivão, 2012; Albuquerque et al., 2016; Arasti, Zandi, & Bahmani, 2014; Bumgardner, Buehlmann, Schuler, & Crissey, 2011; Carter, & Van Auken 2006; Escrivão et al., 2017; Machado, & Espinha, 2005; Rogoff, Lee, & Suh, 2004; Santini et al., 2015), para analisar a causa de MPEs que apresentam determinantes da mortalidade e continuam ativas. Logo, buscou-se responder à seguinte questão central da pesquisa: **Se os fatores determinantes da mortalidade de MPEs estão presentes em empresas ativas, quais os motivos que as mantêm vivas e estáveis?**



Essa questão é justificada por indicadores relevantes sobre o empreendedorismo nacional. O primeiro refere-se ao alto número de empresas criadas anualmente, especialmente aquelas baseadas em necessidades do empreendedor, como: ficar desempregado e, por falta de oportunidades de recolocação no mercado, usar os recursos financeiros da rescisão contratual para abrir o próprio negócio (GEM, 2013). São características do empreendedorismo brasileiro que geram riscos substanciais para o empreendedor, para o negócio e para o mercado.

O segundo refere-se ao contexto geográfico brasileiro. De acordo com o Sebrae (2013), a região sudeste tem as maiores taxas de sobrevivência de empresas com até dois anos de atividade: a indústria tem 83,2%, o comércio tem 79,9%, a construção civil tem 77,3%, e serviços têm 75,7%. No entanto, a região norte do país tem os piores indicadores, apresentando as menores taxas de sobrevivência para todos os setores: 71,1% para a indústria, 74,4% para o comércio, 56,3% para a construção civil e 58,9% para serviços. Portanto, é necessário entender melhor os níveis desses determinantes para desenvolver oportunidades de sucesso e minimizar as possibilidades de morte das MPEs, especialmente no empreendedorismo por necessidade e nas áreas geográficas com alta densidade de mortalidade de empresas.

A fim de alcançar o objetivo de pesquisa, este artigo está organizado em cinco partes, incluindo esta introdução, seguida da contextualização teórica e levantamento de hipóteses, metodologia, apresentação e análise de dados, e das considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Fatores Determinantes da Mortalidade em MPEs

O recorte teórico adotado por este estudo tem enfoque nos desafios encontrados pelas MPEs para manterem as suas atividades. Para tanto, utilizou-se a definição de MPE adotada pela lei complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006, (Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas), excluindo desta análise as organizações que não se enquadram na classificação da lei (BRASIL, 2006). Importante destacar que, mesmo em um cenário político-econômico instável, as MPEs continuam com forte representatividade na economia nacional. Existem 16.534.031 empresas ativas no país e, deste total, 14.040.749 são MPEs. Elas representam 84,92% das empresas ativas no Brasil (CNC, 2015). Contudo, o número de empresas que encerraram suas atividades nos últimos anos é crescente. Somente em 2015, foram fechadas 464.350 empresas, o que demonstra um aumento de 340,15% quando comparado ao ano de 2014, e de 341,44% em relação ao ano de 2013.

Ainda que as MPEs possuam a flexibilidade e o dinamismo para se adaptarem às mudanças no ambiente e aos movimentos do mercado, os indicadores de mortalidade empresarial estão crescendo no Brasil (Bowen, Morara, & Mureithi, 2009; Dutra, & Previdelli,



2010; Nascimento et al., 2013; Santini, Favarin, Nogueira, Oliveira, & Ruppenthal, 2015; Quadros, Segatto, Weise, Cipolat, Silveira, & Weber, 2012). Nesse contexto, alguns desafios são inerentes ao bom funcionamento das atividades e dos resultados nas MPEs. Como exemplo, pode-se citar a escassez de políticas de crédito específicas, as dificuldades de adaptação às inovações tecnológicas, a falta de capital de giro, a ausência de capacitação, a falta de plano de negócio e estratégico, a inexistência de políticas de preço, produtos, propaganda e distribuição, a alta carga tributária, dentre outros (Carter, & Van Auken 2006; Dutra, & Previdelli, 2010; Nascimento et al., 2013).

Esses desafios são agrupados em um conjunto de variáveis que impactam a finalização das atividades das MPEs em agenda de pesquisa global (Escrivão et al., 2017), onde nota-se esforços em diferentes realidades nacionais para desenvolverem conhecimentos à gestão de MPEs e ao desenvolvimento de programas governamentais (Morrison, Breen, & Ali, 2003) alinhados à superação das causas de mortalidade das empresas (Frese, Brantjes, & Hoorn, 2002; Hall, 1994; Keeble, & Walker, 1994; Lussier, 1996), com significados abrangentes à mortalidade empresarial (morte, falência, encerramento, solvência, interrupção, entre outros) na literatura de gestão (Albuquerque, & Escrivão, 2012; Arasti, Zandi, & Bahmani, 2014; Escrivão et al., 2017; Everett, & Watson 1998).

Desse modo, identifica-se, na teoria, diversidade de decodificação das razões que promovem a mortalidade das MPEs. Contudo, esta pesquisa assume que os fatores determinantes da mortalidade de MPEs são: a) empreendedor (variáveis: nível de escolaridade, falta de planejamento/plano de negócio, falta de experiência gerencial) (Bowen et al., 2009; Carter, & Van Auken, 2006; Dutra, & Previdelli, 2010; Machado, & Espinha, 2005; Nascimento et al., 2013); b) empresa (variáveis: falta de capital de giro, ponto inadequado para o desenvolvimento das atividades, dificuldade de conquistar e manter clientes) (Bowen et al., 2009; Bumgardner et al., 2011; Felippe, Ishisaki, & Krom, 2004; Ferreira, Oliva, Santos, Grisi, & Lima, 2012); e c) ambiente (variáveis: inadimplência, concorrência, falta de linhas de crédito específicas para as MPEs, e outras) (Bonacim, Cunha, & Hamilton, 2009; Lima, Filardi, & Lopes, 2009; Carter, & Van Auken, 2006; Rogoff et al., 2004).

O empreendedor é quem possui a ousadia, a visão e a persistência, como agente de mudanças, assumindo os riscos intrínsecos ao negócio. A literatura também destaca que as características essenciais ao empresário são a criatividade, a liderança, a dedicação e o comprometimento em relação ao negócio. No entanto, esses comportamentos são baseados na racionalidade limitada do empreendedor e o insucesso das MPEs pode ocorrer devido a erros cometidos ao longo do ciclo de vida do empreendimento (Arasti et al., 2014; Lussier, 1996). Isso pode ocorrer por falta de capacitação (nível de escolaridade), má gestão dos recursos, falta de planejamento estratégico e falta de conhecimento do mercado, que são exemplos de algumas das variáveis intervenientes relevantes para a finalização das



atividades da empresa (Arasti *et al.*, 2014; Bowen, *et al.*, 2009; Carter & Van Auken 2006; Frese *et al.*, 2002; Nascimento *et al.*, 2013).

Há evidências de que o perfil do empreendedor está conectado a sua capacidade de inovação, de iniciativa, de visão de longo prazo, de absorção de experiências e de persuasão (Arasti *et al.*, 2014; Dutra, & Previdelli, 2010; Frese *et al.*, 2002). São elementos vinculados ao tempo de vida da empresa e ao grau de habilidades e características comportamentais do empreendedor. Machado e Espinha (2005) afirmam que o fim das atividades das empresas devido às falhas do empreendedor se dá por duas forças, caracterizadas por razões deliberadas, isto é, aquelas que não estão vinculadas diretamente ao fracasso do empreendedor (mudança de cidade, venda da empresa, problemas pessoais, etc.), e razões involuntárias, ou seja, características do insucesso (falta de habilidade empreendedora, de experiência no segmento de atuação, nível educacional, falta de experiência gerencial, idade, tempo de dedicação ao trabalho, etc.).

De modo complementar, Ferreira *et al.* (2012) afirmam que os motivos que contribuem para o fechamento das MPEs são a ausência de planejamento ou de plano de negócio, a falta de inovação no design ou desempenho dos produtos/serviços e o baixo nível de escolaridade dos empreendedores. São determinantes relacionados ao fator empreendedor, mas se identifica conexão com os atributos da própria empresa.

Assim, a responsabilidade pela mortalidade das MPEs não pode ser atribuída somente aos empreendedores, uma vez que a própria empresa pode ser responsável, quando o conjunto de recursos organizacionais não é um diferencial competitivo e não produz o desempenho econômico interno (Albuquerque *et al.*, 2016; Arasti *et al.*, 2014; Carter, & Van Auken 2006). Machado e Espinha (2005) e Albuquerque *et al.* (2016) explicam que a empresa, em suas funções organizacionais, pode contribuir para o fim das atividades empresariais. Nesse sentido, Machado e Espinha (2005) destacam as seguintes funções: i) finanças - falta de planejamento, de controle financeiro e de capital de giro; ii) marketing - ponto de venda inadequado, falta de previsão de vendas e impróprio atendimento ao cliente; iii) produção - baixa qualidade de produtos/serviços, demora na entrega do produto, precariedade no controle de estoques; iv) recursos humanos - falta de qualificação, ausência de treinamento, de avaliação de desempenho e de produtividade; e v) estrutura organizacional – poder centralizado, falta de assessoramento, falta de informação gerencial, zelo com a imagem da empresa, etc. (P&D não é abordada como determinante da mortalidade).

Quando as áreas funcionais não conseguem assimilar adequadamente as responsabilidades inerentes às suas funções organizacionais, propiciam o insucesso da empresa (Albuquerque *et al.*, 2016; Bumgardner *et al.*, 2011; Lussier, 1996). Importante destacar que as principais características do insucesso inerentes às responsabilidades da empresa nas MPEs são: a falta de capital de giro, o ponto inadequado para atividade da



empresa e os problemas financeiros (Bowen et al., 2009; Carter, & Van Auken 2006; Felippe et al., 2004).

Bonacim et al. (2009) e Ferreira et al. (2012) afirmam que a ausência de capital de giro, a escolha inadequada do ponto comercial, o controle de estoque, a baixa capacidade técnica produtiva e comercial e o baixo poder de fidelização do cliente resumem os problemas financeiros gerais, além daqueles mais comuns, como a falta de controle de caixa (entradas e saídas) e o desconhecimento do ciclo financeiro da empresa. Essas variáveis associadas são causas promotoras da mortalidade de MPEs, decorrentes de determinantes da própria organização. São informações que permitem inferir que é tênue a separação entre as determinantes de mortalidade das MPEs referentes ao empreendedor e à empresa, possivelmente por estarem relacionadas ao ambiente interno da organização.

Por outro lado, além das características atribuídas aos empreendedores e às empresas, o sucesso ou o insucesso das MPEs podem ocorrer por condições do ambiente em que elas estão inseridas (Everett, & Watson 1998). Neste estudo, o ambiente é delimitado como o conjunto de elementos relacionados às características e condições externas, que podem produzir oportunidades e/ou ameaças e são capazes de alterar as atividades da empresa. Como exemplo, a escolha entre produzir dentro da organização ou recorrer ao mercado para reduzir custos e aumentar o diferencial competitivo torna a decisão mais relevante e complexa ao incorporar dimensões do ambiente que são mais amplas do que a relação entre comprador e fornecedor.

Nascimento et al. (2013) ressaltam que as características do ambiente que podem influenciar na permanência das atividades das MPEs são: tributação elevada, quando a empresa deixa de honrar outros compromissos para recolher os impostos; falta de mão de obra qualificada, devido à escassez no mercado; e acesso ao crédito, haja vista que nas instituições financeiras existem poucos programas de crédito específicos para as MPEs. Bonacim et al. (2009) enfatizam que a inadimplência de clientes e a forte concorrência são elementos decisivos na gestão da vitalidade das MPEs. Existem, ainda, outros fatores que contribuem para o fechamento das empresas, como taxas elevadas de juros e o comportamento da concorrência (Bonacim et al., 2009; Everett, & Watson 1998; Machado, & Espinha, 2005; Nascimento et al., 2013; Rogoff et al., 2004). Portanto, esses elementos figuram na construção das hipóteses, de acordo com o conjunto de variáveis que compõem os fatores apresentados anteriormente, mas não necessariamente em polos similares, referentes ao desempenho da empresa (Mourao, & Oliveira, 2012).

Observa-se que a teoria destaca os elementos denominados fatores de sobrevivência e de mortalidade empresarial, em que ambos podem participar na composição ou em oposição à longevidade ou à letalidade em MPEs, de acordo com os níveis de desempenho em polos distintos (sobrevivência/mortalidade) em empresas. Assim, as determinantes podem ser



compensatórias na sobrevivência das MPEs, haja vista que outros estudos exemplificam a relação dos “[...] custos com o pessoal [...] [, que apresentam] [...] nível de explicação” para a mortalidade das empresas, enquanto “existe uma relação positiva entre [...] os custos com o pessoal [...] e o valor acrescentado bruto, [...] No que diz respeito à sobrevivência das empresas” (Mourao, & Oliveira, 2012, p. 15).

Além disso, nota-se uma variação entre fatores como elemento compensatório para a sobrevivência das empresas, já que “[...] parece-nos óbvio que a dimensão da empresa tem um grande peso na sobrevivência das empresas” (Mourao, & Oliveira, 2012, p. 15), com nível de equilíbrio superior entre outras determinantes.

2.2 Hipóteses

O sucesso e o fracasso das MPEs são parte de um contínuo entre dois polos de um mesmo conjunto de variáveis, com diferenças apenas nos níveis de desempenho na composição de cada um dos fatores: empreendedor, empresa e ambiente (Escrivão et al., 2017). Desse modo, os riscos de mortalidade empresarial nas MPEs são classificados em níveis alto, médio, baixo ou indefinido. Porém, as diferenças são tênues entre os níveis de riscos e entre a existência do risco e a percepção dos empreendedores (Simons, 1999; Lima, Filardi, & Lopes, 2009), pois nem sempre os riscos existentes são percebidos pelos empresários. Para Pinheiro, Silva e Araújo (2013), as características relacionadas ao indivíduo, à empresa e ao contexto alteram ou diferenciam os riscos que existem nas etapas do desenvolvimento empresarial (ciclo de vida).

Nesse contexto, há várias tensões entre os níveis de desempenho e a eficiência da gestão em todas as etapas do ciclo de vida das MPEs, consideradas desafios contínuos (Albuquerque, & Escrivão, 2012; Lima et al., 2009). Por isso, identificar os níveis de desempenho dos fatores de mortalidade em empresas ativas merece a atenção da literatura. Estudos anteriores destacam a existência de variáveis relevantes para a mortalidade ou para a sobrevivência empresarial, e essas variáveis estão agrupadas na composição das cargas fatoriais (Pinheiro et al., 2013; Santini et al., 2015). Se essas variáveis estiverem correlacionadas no agrupamento dos fatores, pode ser um indicador de alta performance empresarial ou de desempenho crítico, em um estágio pré-morte.

Diante do exposto, o presente estudo levanta uma proposição diferente para os fatores de mortalidade empresarial em empresas ativas. Observa-se que as variáveis componentes dos fatores “empreendedor”, “empresa” e “ambiente” possuem níveis diferentes de riscos para a mortalidade da MPE. Por exemplo: o empreendedor pode ter baixa escolaridade e baixo domínio de ferramentas gerenciais, mas ter alta dedicação ao negócio e amplo relacionamento mercadológico, entendimento que reforça a **existência de um sistema de compensação entre as variáveis em empresas ativas - na presença de variável(eis)**



determinante(s) da mortalidade, haverá a compensação por outra(s) determinante(s) do sucesso (H1 – Hipótese 1). Acredita-se que as determinantes do empreendedor, da empresa e do ambiente possuem fragilidades compensadas por características positivas, potencialmente inibidoras da mortalidade empresarial em MPEs, pois nenhum fator, isoladamente, pode explicar a mortalidade precoce das pequenas empresas (Albuquerque, & Escrivão, 2012).

Nesse contexto, as empresas precisam seguir alguns passos para alcançarem a longevidade.

Dentre eles, é necessária a visão sistêmica do empreendedor, que pode não ter capacitação ou experiência no ramo de atuação, mas precisa enxergar a empresa como um todo. É necessário buscar capacitação externa, pois a empresa pode fixar seu ponto de venda num local inadequado, ou ter produtos e serviços de menor qualidade, porém precisará manter um relacionamento sólido com fornecedores e demais envolvidos em suas operações, de forma a fidelizar seus clientes, conseguir produtos com maior qualidade e melhor preço, e fazer com que seus colaboradores trabalhem pela sobrevivência da empresa (clientes, fornecedores e empregados). Deve haver, ainda, a preocupação e o reconhecimento das causas latentes da crise para a sua correção, já que, em um ambiente no qual as crises são constantes, saber os motivos que as desencadeiam é preponderante para o sucesso organizacional.

Assim, ainda que as empresas passem por crises, tenham seus produtos e/ou serviços com menor qualidade ou o empreendedor tenha pouca capacitação, desde que todas essas determinantes não estejam concentradas no nível mais baixo, será possível fazer ajustes gerenciais corretivos, que poderão prolongar o tempo de vida da MPE, pois a existência de um fator de mortalidade empresarial não é capaz de levar uma organização a fechar suas portas (Albuquerque, & Escrivão, 2012; Sales, Barros, & Pereira, 2011). Para que isso ocorra, é necessário um conjunto de variáveis determinantes da mortalidade empresarial ou a sua hegemonia para inviabilizar a manutenção do negócio. Isso reforça a proposição de que **o sistema de compensação entre as variáveis, em empresas ativas, é determinante para a sobrevivência das empresas (H2 - Hipótese 2).** Isto é, quando as variáveis determinantes da mortalidade empresarial em MPEs não se concentram em um único nível (baixo), a dispersão no nível de desempenho promove a maior capacidade de sobrevivência da empresa e a possibilidade de correção das não conformidades ao longo do ciclo de vida do negócio, já que são interdependentes e contribuem para o sucesso ou o insucesso empresarial (Albuquerque, & Escrivão, 2012).

3 METODOLOGIA

A abordagem deste estudo é quantitativa (McClave, Benson, & Sincich, 2009), com tipologia explicativa (Fávero, Belfiori, Silva, & Chan 2009), e o objetivo central foi identificar as



determinantes de mortalidade em MPEs ativas e explicar as possíveis causas de sobrevivência. No levantamento teórico, foi possível identificar que a presença de determinantes da mortalidade em empresas ativas se organiza em um sistema de compensação. Desse modo, após o levantamento teórico das determinantes da mortalidade empresarial, aplicamos a pesquisa de campo para o levantamento de dados empíricos para o teste das hipóteses (Marconi, & Lakatos, 2005). O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas fechadas e respostas preenchidas em uma escala Likert de 7 pontos (Likert, 1932), aplicado pessoalmente a gestores de 94 MPEs (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009). Antes da coleta final, foram feitos dois pré-testes, com respostas de 30 MPEs em cada um, cuja finalidade foi ajustar e adequar a escala e validar a compreensão dos constructos pelos pesquisados.

O estado selecionado para a pesquisa possui 139.282 empresas ativas, sendo que 9.513 (6,83%) estavam situadas no município da pesquisa (CNC, 2017), quando da seleção da amostra para coleta e análise dos dados desta pesquisa. O município se localiza no centro-norte do estado, com população de 90.353 habitantes, conforme censo (IBGE, 2010). Sua economia é movimentada pela agricultura, pecuária, piscicultura, mineração e extração de madeiras. Transformou-se em um polo de oferta de comércio e serviços para 12 municípios ao seu redor, com reconhecimento pela revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios, em 2013, como uma das 25 melhores cidades do Brasil para se empreender, apresentando taxa de 74,7% de sobrevivência empresarial.

Entretanto, conforme proposto por Low e MacMillan (1988), as determinantes da mortalidade se alinham às determinantes do sucesso empresarial: processos (empresas), contextos (ambiente) e resultados (gestão). Se por um lado, as determinantes do sucesso e do fracasso empresarial se sobreponem, por outro, pode-se afirmar que os resultados de sucesso ou fracasso decorrem de diferentes níveis de desempenho das variáveis que compõem os fatores determinantes da mortalidade, pois trata-se de um contínuo entre os dois polos: o sucesso ou o fracasso (Hall, 1994; Rogoff et al., 2004). Esta proposição conduz às análises das determinantes do sucesso em empresas ativas (Ortigara, Grapeggia, & Cândido, 2011) e das determinantes da mortalidade em empresas inativas (Bonacim et al., 2009; Nascimento et al., 2013). Sabe-se que as empresas ativas também podem apresentar níveis determinantes de mortalidade em algumas variáveis ou fatores, enquanto outras variáveis ou fatores possuem níveis determinantes do sucesso, em uma mesma MPE.

Com base nessa análise, a amostra foi definida pela população amostral finita, pois no período da coleta de dados havia 8.545 empresas ativas no município pesquisado (CNC, 2015). Antecipadamente, considerou-se que nem todas as empresas procuradas colaborariam com a pesquisa, porém o número de respondentes superou as expectativas e a amostra calculada.



$$n = \frac{Z^2 \times P \times Q \times N}{e^2 \times (N-1) + Z^2 \times P \times Q}$$

Onde: Z = Nível de Confiança; P = Quantidade de Respostas Esperadas (%); Q = Quantidade de Erros no retorno das respostas (%); N = População Total; e = Nível de Precisão (%). Assim, para a população de 8.545 empresas ativas, a amostra calculada foi de 72 empresas, com Z de 95% e P de 95%. Destaca-se que a amostra utilizada foi superior à amostra calculada.

A escala foi construída a partir das variáveis teóricas levantadas em estudos anteriores, agrupadas em 28 variáveis e em três fatores (empreendedor, empresa e ambiente). Essas variáveis utilizadas na escala construída e agrupadas nos fatores de acordo com a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) encontram-se identificadas de modo individual na Tabela 6 deste estudo.

Para testar a hipótese 1, foram feitos os testes de comparação de médias entre as variáveis componentes de cada fator (Grupo 1 - Empreendedor; Grupo 2 - Empresa; Grupo 3 - Ambiente). Em seguida, utilizou-se a Análise Fatorial Confirmatória (AFC). De acordo com Fávero et al. (2009) e Hair et al. (2009), essa análise busca representar um conjunto de variáveis altamente correlacionadas (as determinantes da mortalidade empresarial) em fatores (empreendedor, empresa e ambiente). Com a redução das variáveis por meio de fatores, obtém-se melhores condições de análise das informações. Neste caso, o objetivo da AFC foi o de confirmar o agrupamento das variáveis, conforme exposto pela literatura que aborda esses fatores em empresas inativas, pois, do contrário, haveria confirmação da hipótese 1, uma vez que a variação na comunalidade pode ser parte da explicação para a compensação entre as variáveis. Por fim, foi realizada análise de regressão com nível de confiança de 95% ($p\ value < 0,05$) (Hair et al., 2009) para as determinantes que influenciam a sobrevivência empresarial de MPEs ativas e com determinantes de mortalidade presentes (níveis). O tratamento dos dados foi realizado por meio do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS versão 22.0) e do *Microsoft Excel* 2013. A amostra não apresentou problemas na filtragem de dados e *outliers* que pudessem representar indícios de viés na coleta dos dados, e assim comprometer os resultados das análises.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi dividida em três etapas. O objetivo da primeira etapa foi verificar se havia condições estatísticas para aceitar ou refutar a igualdade de médias entre as variáveis determinantes da mortalidade empresarial em MPEs. Os resultados apresentados a seguir demonstram que, para os grupos de variáveis analisadas, deve-se rejeitar a igualdade das médias em variação, pois a análise de $p\ value$ ($< 0,05$) e o *f*-crítico mostram que as



variâncias das médias não são iguais, portanto, rejeita-se a hipótese de igualdade das médias. Esse teste foi realizado para analisar se as variáveis em estudo possuem o mesmo nível de avaliação (desempenho) percebido e explicado pelas empresas participantes da coleta de dados. Caso as médias fossem iguais, seria refutado de imediato o efeito de dispersão no desempenho das variáveis analisadas (hipótese 1).

Tabela 1: Anova fator único (GRUPO 1 – Fator Empreendedor)

Grupos	Contagem	Soma	Média	Variância		
EMPREENDEDOR 1	94	373	3,968085106	5,708647907		
EMPREENDEDOR 2	94	533	5,670212766	1,191146191		
EMPREENDEDOR 3	94	604	6,425531915	0,892244338		
EMPREENDEDOR 4	94	293	3,117021277	6,061427591		
EMPREENDEDOR 5	94	422	4,489361702	4,897735072		
EMPREENDEDOR 6	94	452	4,808510638	4,048959048		
EMPREENDEDOR 7	94	475	5,053191489	4,416495081		
EMPREENDEDOR 8	94	559	5,946808511	1,341226264		
EMPREENDEDOR 9	94	524	5,574468085	1,128803477		
Fonte de variação	SQ	GI	MQ	F	valor P	F crítico
Entre grupos	810,108747	8	101,2635934	30,6997006	2,55376E-42	1,94944794
Dentro de grupos	2760,861702	837	3,298520552			
Total	3570,970449	845				

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

A Tabela 1 mostra que as variáveis componentes do fator empreendedor apresentaram p value $> 0,05$ e F crítico de 1,94944794; isso significa que, para F de 30,6997006, deve-se aceitar a hipótese de que as médias não são iguais.

Tabela 2: Anova fator único (GRUPO 2 – Fator Empresa)

Grupos	Contagem	Soma	Média	Variância		
EMPRESA 1	94	393	4,180851064	6,837908945		
EMPRESA 2	94	479	5,095744681	3,700411805		
EMPRESA 3	94	620	6,595744681	0,630519332		
EMPRESA 4	94	529	5,627659574	1,956646076		
EMPRESA 5	94	554	5,893617021	2,031571723		
EMPRESA 6	94	559	5,946808511	0,803591855		
EMPRESA 7	94	564	6	1,462365591		
EMPRESA 8	94	576	6,127659574	0,886753603		
EMPRESA 9	94	530	5,638297872	1,158087394		
EMPRESA 10	94	405	4,308510638	4,559711736		
Fonte de variação	SQ	GI	MQ	F	valor P	F crítico
Entre grupos	520,8180851	9	57,86867612	24,08428351	2,81661E-37	1,88993079
Dentro de grupos	2234,56383	930	2,402756806			
Total	2755,381915	939				

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

A Tabela 2 destaca que as variáveis componentes do fator empresa também apresentaram p value $> 0,05$ e F crítico de 1,88993079. Isso significa que, para F de 24,08428351, também deve-se aceitar a hipótese de que as médias não são iguais.



Tabela 3: Anova fator único (GRUPO 3 – Fator Ambiente)

Grupos	Contagem	Soma	Média	Variância
AMBIENTE 1	94	333	3,542553191	2,29386868
AMBIENTE 2	94	291	3,095744681	4,474605353
AMBIENTE 3	94	383	4,074468085	4,43525509
AMBIENTE 4	94	418	4,446808511	5,045527339
AMBIENTE 5	94	368	3,914893617	3,928162892
AMBIENTE 6	94	580	6,170212766	1,863189202

Fonte de variação	SQ	GI	MQ	F	valor P	F crítico
Entre grupos	534,952127		106,990425	29,1254459	2,7087E-	2,23017048
	7	5	5	5	26	4
Dentro de grupos	2049,77659		3,67343475			
	6	558	9			
Total	2584,72872					
	3	563				

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)

Do mesmo modo, as variáveis componentes do fator empresa também apresentaram *p value* > 0,05 e *F crítico* de 2,230170484. Assim, para *F* de 29,12544595, deve-se aceitar a hipótese de que as médias não são iguais (Tabela 3).

Diante disso, pode-se afirmar que as variáveis componentes dos fatores possuem níveis de desempenho diferentes.

Por isso, utilizou-se a análise fatorial para confirmar ou refutar as proposições encontradas em estudos anteriores, que apontam para a hegemonia de três fatores determinantes da mortalidade: empreendedor, empresa e ambiente (Bonacim et al., 2009; Dutra, & Previdelli, 2010; Felippe et al., 2004; Ferreira et al., 2012; Machado, & Espinha, 2005; Nascimento et al., 2013).

Segundo a teoria, o agrupamento fatorial se processa em empresas inativas. Todavia, esta pesquisa busca demonstrar que as determinantes da mortalidade empresarial não apresentam a mesma configuração em MPEs ativas, pois há evidências de que a dispersão no nível de desempenho das variáveis produz outra configuração fatorial como resultado da compensação (alto, médio e baixo), como mostra o gráfico na Figura 1 a seguir. Como exemplo, as empresas ativas que possuem baixo nível de capital de giro podem compensar essa limitação com alto nível de relacionamento com fornecedores.

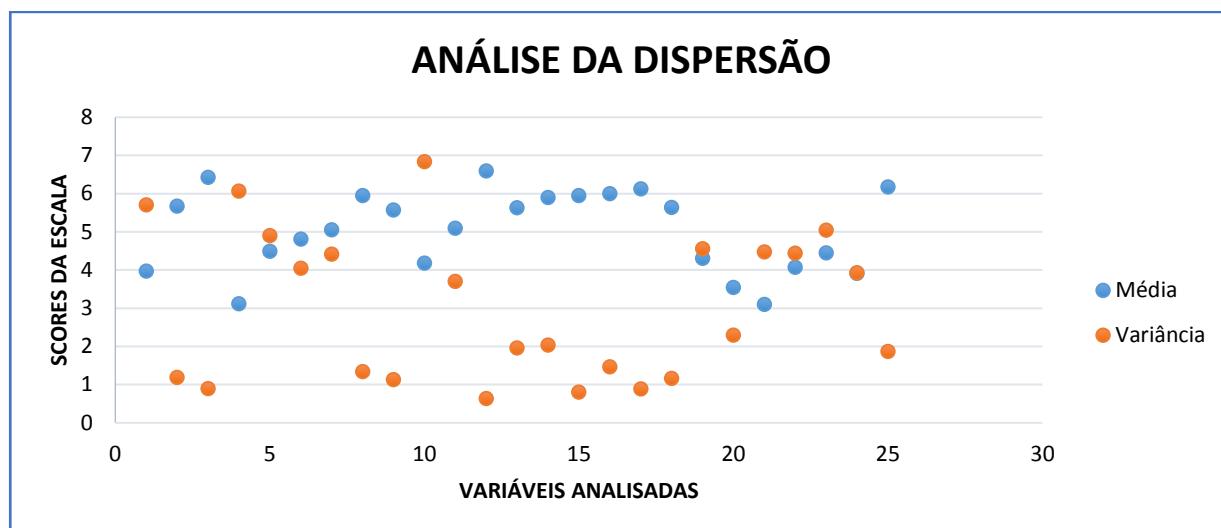


Figura 1: Dispersão – Variáveis Analisadas

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O tratamento dos dados com a AFC teve como objetivo reduzir e agrupar as 26 variáveis listadas na escala de coleta de dados e confirmar o agrupamento e o grau de correlação entre elas (Hair et al., 2009; Fávero et al., 2009). A justificativa para o uso da AFC na análise de dados é apenas confirmatória para a proposição teórica de agrupamento dos três fatores (“empreendedor”, “empresa” e “ambiente”), na qual se refutaria a hipótese de dispersão compensatória entre as determinantes de mortalidade empresarial, caso houvesse o mesmo agrupamento na análise empírica. Assim, a adequação do modelo verifica-se por meio da análise da variância explicada por cada fator agrupado. Pelo teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), em que são mantidos apenas os fatores com autovalor λ maior ou igual a 1, permanecem no modelo apenas dimensões que representam, pelo menos, a informação de variância da variável original (Hair et al., 2009), e as correlações de cada variável explicada. Logo, quanto maior a communalidade, maior será o poder de explicação do fator por aquela variável (Hair et al., 2009; Fávero et al., 2009).

Portanto, após a realização da AFC, verifica-se, na Tabela 4, que o modelo final obtido apresentou oito fatores com autovalores que os qualificam como significativos ($\lambda > 1$) e aproximadamente 63% da variância total é explicada.

Tabela 4: Modelo factorial ajustado sob estimação de componentes principais

Fatores	Autovalores (λ)	Variância explicada (%)	Variância explicada acumulada (%)
1	4,950	19,80	19,80
2	2,564	10,25	30,05
3	1,882	7,53	37,58
4	1,541	6,17	43,75
5	1,515	6,06	49,81
6	1,258	5,03	54,84
7	1,179	4,72	59,56
8	1,106	4,42	63,98

Fonte: Elaborada pelos autores (2018)



A análise de redução dos fatores mostra diferenças entre a pesquisa empírica e a teoria que destaca as determinantes de mortalidade em MPEs inativas. Na AFC, verifica-se que o valor para o teste de esfericidade de *Bartlett* é satisfatório, 2,3459E-20, isto é, > 0,05, e o critério KMO tem um índice razoável para as correlações, 0,674, dentro de parâmetros aceitáveis, ou seja, < 0,6 (Fávero et al., 2009). No entanto, a configuração dos fatores confronta a teoria sobre as determinantes de mortalidade em MPEs ativas. As variáveis deveriam ser agrupadas nos fatores “empreendedor”, “empresa” e “ambiente”. Porém, a hipótese deste estudo é que, como as empresas estão ativas, haveria dispersão como uma medida compensatória, diferente da concentração que ocorre nas empresas inativas.

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	Fator 7	Fator 8
Itens da Escala	AMB6	EMP8	EMP1	EMP4	AMB5	AMB2	EMP7	EMP5
	EMPRE3	EMPR6	EMPRE2	EMPRE1	AMB4	AMB3	-	EMP5
	EMP3	EMPR9	-	-	-	-	-	-

Figura 2: Configuração dos fatores em função dos itens presentes no questionário

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Nota: AMB: variáveis do fator “AMBIENTE”; EMP: variáveis do fator “EMPREENDER”; EMPRE: variáveis do fator “EMPRESA”.

Como se verifica na Figura 2, não houve concentração em apenas três fatores, como sugerido pela teoria que aborda as determinantes da mortalidade empresarial em empresas inativas. Houve a dispersão das variáveis entre os fatores e o surgimento de fatores adicionais, o que possibilita inferir sobre a ausência de correlação entre as variáveis e justifica a diferença nas determinantes da mortalidade empresarial em empresas ativas. Mesmo com o ajuste do modelo, os autovalores encontrados para as cargas fatoriais e as comunalidades dentro de cada fator são elementos que sugerem que as variáveis exploradas não explicam as mesmas determinantes.

Tabela 5: Composição final dos fatores

	Componentes do fator	Carga fatorial	Comunalidades	Alfa de Cronbach (α)
Fator 1	Relacionamento com fornecedor	,758	0,698	,703
	Imagen da empresa	,737	0,590	,706
	Dedicação do empreendedor	,543	0,627	705
Fator 2	Experiência do empreendedor	,705	0,679	,702
	Comercial da empresa	,703	0,539	,702
	Qualidade da mão-de-obra interna	,582	0,598	,705
Fator 3	Plano de negócio	,820	0,723	,682
	Planejamento financeiro	,751	0,774	,672
Fator 4	Assessoria e consultoria externa	,818	0,700	,684
	Sistema de Informação Gerencial	,634	0,527	,711
Fator 5	Concorrência	,795	0,719	,705
	Inadimplência	,703	0,592	,720
Fator 6	Impacto da tributação	,695	0,569	,715
	Crédito bancário	,662	0,532	,699
Fator 7	Visão de longo prazo	,733	0,736	,701
Fator 8	Decisão (des)centralizada	,781	0,775	,724
	Localização da empresa	,617	0,653	,710

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).



Desse modo, pode-se afirmar que a amostra é condizente com a literatura (Hair et al., 2009), e que a teoria sobre fatores determinantes da mortalidade de MPEs ativas não teve o agrupamento factorial sugerido por pesquisas realizadas em empresas inativas (Bonacim et al., 2009; Dutra & Previdelli, 2010; Felippe et al., 2004; Ferreira et al., 2012; Machado & Espinha, 2005; Nascimento et al., 2013). Constata-se a diferença nas médias entre grupos e a dispersão das variáveis entre fatores não identificados pela teoria. As informações geradas pela análise estatística, a partir da amostra pesquisada, demonstram a composição factorial irregular ao se comparar com a teoria, mesmo com os vários testes em níveis aceitáveis – *KMO*, *Bartlett*, comunalidade e carga factorial.

A presença de cargas fatoriais diferentes, a inexistência de igualdade de médias entre os grupos de variáveis, a baixa correlação e a baixa comunalidade na composição factorial confirmam a **existência de um sistema de compensação entre as variáveis em empresas ativas - na presença de variável(eis) determinante(s) da mortalidade, haverá a compensação por outra(s) determinante(s) do sucesso** (H1 – Hipótese 1). Ratifica-se a proposição de que as determinantes da mortalidade empresarial, quando localizadas em empresas ativas e estáveis, têm as fragilidades compensadas por características positivas, consideradas determinantes do sucesso, potencialmente inibidoras da mortalidade empresarial em MPEs (níveis).

Por último, para uma medida confirmatória, foram analisados os indicadores de mortalidade, por meio da regressão linear, associados ao índice geral de sucesso da MPE (X F1, F2 ... Fn / XG), onde X é a média ponderada do fator apontado pela teoria e extraído pela escala aplicada aos gestores, e XG é a média geral ponderada do \sum dos fatores. Para a regressão foi utilizado o método *stepwise*, com a finalidade de ajustar o grupo de variáveis com melhor capacidade de explicação ao definir o modelo. Foram identificados cinco modelos com agrupamento de variáveis capazes de explicar os elementos mensurados nos fatores determinantes da mortalidade em empresas vivas, cuja extração dos dados é apresentada na Tabela 6.

Tabela 6: Coeficientes da Regressão Linear

Modelo	Coeficientes não padronizados		Beta	t	Sig.	95,0% Intervalo de Confiança para B	
	B	Erro Padrão				Limite inferior	Limite superior
1 (Constante)	15,143	1,750	,477	8,653	,000	11,651	18,635
	EMP6	1,505		4,480	,000	,835	2,175
2 (Constante)	6,741	2,451	,552	2,750	,008	1,849	11,632
	EMP6	1,741		5,757	,000	1,137	2,344
2 (Constante)	EMP7	1,367		4,428	,000	,751	1,983
	EMP7	,309					
3 (Constante)	5,664	2,260	,501	2,506	,015	1,152	10,177
	EMP6	1,580		5,645	,000	1,021	2,139
	EMP7	1,214		4,257	,000	,645	1,784



	EMP4	,814	,217	,330	3,751	,000	,381	1,247
4	(Constante)	-4,502	6,607		-,681	,498	-17,738	8,735
	EMP6	1,256	,304	,398	4,128	,000	,646	1,865
	EMP7	1,044	,291	,324	3,583	,001	,460	1,628
	EMP4	,455	,238	,185	1,912	,061	-,022	,933
	EMPR1	,613	,217	,265	2,828	,006	,179	1,047
	EMPR2	,380	,366	,113	1,038	,304	-,353	1,113
	EMPR3	-,928	,721	-,112	-1,287	,203	-2,373	,517
	EMPR4	1,331	,475	,266	2,803	,007	,380	2,282
	EMPR5	,333	,389	,076	,855	,396	-,447	1,112
	EMPR6	-,569	,622	-,082	-,915	,364	-1,815	,677
	EMPR7	,172	,574	,030	,299	,766	-,979	1,323
	EMPR8	,504	,693	,064	,726	,471	-,886	1,893
	EMPR9	,731	,579	,125	1,263	,212	-,429	1,892
	EMPR10	,125	,305	,040	,411	,683	-,485	,736
5	(Constante)	-18,486	2,278		-8,116	,000	-23,061	-13,911
	EMP6	,682	,098	,216	6,988	,000	,486	,878
	EMP7	,522	,098	,162	5,305	,000	,324	,719
	EMP4	,442	,078	,179	5,657	,000	,285	,599
	EMPR1	,346	,073	,150	4,749	,000	,200	,492
	EMPR2	,299	,114	,089	2,625	,011	,070	,527
	EMPR3	,292	,233	,035	1,255	,215	-,175	,760
	EMPR4	,215	,159	,043	1,351	,183	-,104	,533
	EMPR5	,169	,125	,039	1,350	,183	-,082	,421
	EMPR6	,141	,201	,020	,702	,486	-,263	,545
	EMPR7	,451	,185	,080	2,442	,018	,080	,821
	EMPR8	,406	,228	,052	1,777	,082	-,053	,865
	EMPR9	,089	,202	,015	,441	,661	-,317	,495
	EMPR10	,304	,096	,098	3,160	,003	,111	,498
	AMB1	,713	,141	,172	5,053	,000	,429	,996
	AMB2	,725	,079	,246	9,218	,000	,567	,883
	AMB3	,773	,086	,258	9,015	,000	,601	,946
	AMB4	,702	,080	,257	8,783	,000	,542	,863
	AMB5	,609	,092	,189	6,602	,000	,424	,795
	AMB6	,648	,216	,088	2,999	,004	,214	1,083

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Assim, destacam-se dois aspectos sobre os modelos: o primeiro é que o modelo três tem a capacidade de explicação em 48,5% ($R^2 \text{ adjusted}$) da capacidade de sobrevivência das MPEs da amostra, com 95% de confiança e $\text{sig.} < 0,05$, com apenas três variáveis do fator Empreendedor, enquanto o modelo cinco explica em 96,2% ($R^2 \text{ adjusted}$) a capacidade de sobrevivência das MPEs da amostra, com 95% de confiança e $\text{sig.} < 0,05$, mas utiliza 19 variáveis das 26 avaliadas, componentes dos três fatores. Portanto, confirma-se que **o sistema de compensação entre as variáveis em empresas ativas é determinante para a sua sobrevivência**; mesmo com poucas variáveis de um único fator tendo alta capacidade de resposta no modelo ajustado, ele justifica 48,5% da capacidade de sobrevivência na amostra pesquisada, segundo o Índice Geral de Sobrevivência (IGS).



Tabela 7: Regressão Linear

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança			
					Alteração de R quadrado	Alteração F	df1	Sig. Alteração F
1	,477a	,228	,217	5,49855	,228	20,071	1	,000
2	,635b	,403	,385	4,87226	,175	19,605	1	,000
3	,712c	,508	,485	4,45694	,105	14,069	1	,000
4	,815d	,664	,586	3,99837	,156	2,601	10	,011
5	,986e	,972	,962	1,21793	,308	92,257	6	,000

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Assume-se, nessa amostra, que as variáveis referentes ao fator empreendedor o tornam mais relevante para a sobrevivência das MPEs estudadas (níveis de desempenho). Em uma perspectiva regional, a amostra permite inferir que o modelo explicativo do Índice Geral de Sobrevida (IGS) das MPEs ativas tem melhor compensação na relação entre os determinantes da mortalidade ou do sucesso empresarial (níveis) e as variáveis inerentes ao empreendedor. Isto é, as três variáveis com maior capacidade de explicação da sobrevivência destas MPEs referem-se ao uso, pelo gestor, de informações gerenciais, visão de longo prazo e grau de conhecimento do mercado e do segmento de negócio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os testes empíricos ratificam que, na amostra pesquisada, as variáveis não se concentram apenas em três fatores (empreendedor, empresa e ambiente), mas que há dispersão em diferentes fatores. Isso demonstra que o sucesso e o fracasso das MPEs são parte de um contínuo, no conjunto de variáveis que determinam a sua existência. A ênfase da análise centra-se no modo como os níveis condutores dos fatores de mortalidade ou de sucesso devem ser considerados, ao fornecer as evidências de direção para o pequeno empresário ou gestor de MPEs.

Em resposta ao problema de pesquisa, conclui-se que as empresas ativas pertencentes à amostra desta pesquisa utilizam um sistema de compensação das variáveis para dispersá-las e prolongar o tempo de vida, de tal forma que as variáveis negativas são equilibradas por variáveis positivas em outros fatores, evitando assim a hegemonia de fatores críticos de mortalidade. Assume-se que o fator empreendedor, conforme demonstrou o tratamento de regressão linear, possui maior influência na capacidade de sobrevivência das organizações pesquisadas.

Os resultados da pesquisa reforçam o debate sobre a eficácia dos esforços na gestão das MPEs, a fim de que profissionais e pesquisadores melhorem a avaliação sobre os indicadores de mortalidades em MPEs ativas, especialmente no embate contra o surgimento de determinantes da mortalidade empresarial. Observa-se, ainda, que esses determinantes, por natureza, existem nas MPEs, mas o que os diferenciam, nas MPEs ativas e nas não ativas,



é apenas o nível de capacidade de gestão, em variações inerentes às atividades que compõem o desempenho dos fatores empreendedor, empresa e ambiente. Portanto, os determinantes da mortalidade empresarial são necessários e existem nos diferentes estágios do ciclo de vida da empresa, pois a melhoria no nível de desempenho em todas as funções organizacionais é o que diferencia o sucesso do fracasso empresarial (Albuquerque & Escrivão, 2012; Arasti et al., 2014; Bumgardner et al., 2011). Quanto maior o nível de competência do empreendedor, desempenho da empresa e maior estabilidade do mercado, melhores são as oportunidades de sobrevivência ou de crescimento. Por outro lado, se o ambiente é instável, a competência do empreendedor precisa ser maior, a fim de neutralizar os desniveis do mercado.

Diante do cenário teórico-empírico deste estudo, pode-se afirmar que a importância das MPEs para a sociedade brasileira não se reflete nos percentuais de efetividade na sobrevivência organizacional. Por isso, acredita-se que esta pesquisa foi capaz de identificar um dos pontos críticos para a gestão de MPEs, pois é possível se antecipar às fragilidades de determinada dimensão deficitária e produzir estratégias “terapêuticas” que promovam a vitalidade da organização. A principal contribuição deste estudo é indicar a relação entre os fatores de mortalidade empresarial e o sistema de compensação pelo nível de desempenho das determinantes do sucesso em MPEs ativas. Isso evidencia a importância de mudar a forma de analisar os fatores de mortalidade ao longo dos estágios do ciclo de vida das MPEs, especialmente quando o objetivo é a manutenção da vitalidade da empresa. Portanto, os resultados empíricos deste trabalho oferecem novos *insights* sobre os fatores determinantes da mortalidade de MPEs e potenciais caminhos para estudos futuros.

Propõe-se, em tais estudos, a análise comparativa de dados de empresas ativas e inativas, para confirmar a efetividade do sistema de compensação. Importante destacar, ainda, o critério de regionalidade deste estudo (um único município), pois é uma limitação desta pesquisa. Contudo, se aplicada a outras regiões do país, confirmará a possibilidade de generalizações. Além disso, outros elementos teóricos, como os conceitos de economia de proximidade, podem ser incorporados à análise, a fim de dimensionar os efeitos da economia regional no desempenho (nível), dispersão e compensação das determinantes do sucesso e do fracasso das MPEs.

6 REFERÊNCIAS

Albuquerque, A. F., & Escrivão, E. F. (2012). Fatores de mortalidade de pequenas empresas. In: *Anais do 7º Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas [EGEPE]*. (pp.1797-1815). Florianópolis, SC.

Albuquerque, A. F., Escrivão, E. F., & Terence, A. C. F. (2016). Aspectos funcionais associados à mortalidade da pequena empresa: fatores relevantes de operações, finanças e marketing no varejo de vestuário. In: *Anais do 9º Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas [EGEPE]*. (pp.1-16). Passo Fundo, RS.



Alves, J. N., Silva, T. B., Tavares, C. E. M., & Dal-Soto, F. (2013). A utilização do planejamento estratégico como ferramenta de gestão na pequena empresa. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 7, n. 2, pp. 80-100.

Amankwah-Amoah, J. (2016). An integrative process model of organisational failure. *Journal of Business Research*, v. 69, n. 9, pp. 3388-3397.

Arasti, Z., Zandi, F., & Bahmani, N. (2014). Business failure factors in Iranian SMEs: Do successful and unsuccessful entrepreneurs have different viewpoints? *Journal of Global Entrepreneurship Research*, v. 4, n. 1, pp. 1-14.

Bonacim, C. A. G., Cunha, J. A. C., & Corrêa, H. L. (2009). Mortalidade dos empreendimentos de micro e pequenas empresas: causas e aprendizagem. *Gestão & Regionalidade*, v. 25, n. 74, pp. 61-78.

Bowen, M., Morara, M., & Mureithi, M. (2009). Management of business challenges among small and micro enterprises in Nairobi-Kenya. *KCA Journal of Business Management*, v. 2, n. 1, pp. 16-31.

Brasil. (2006). *Lei Complementar nº 123, de 14/12/2006*. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp123.htm>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Bumgardner, M., Buehlmann, U., Schuler, A., & Crissey, J. (2011). Competitive actions of small firms in a declining market. *Journal of Small Business Management*, v. 49, n. 4, pp. 578-598.

Carroll, G. R. (1983). A stochastic model of organizational mortality: Review and reanalysis. *Social Science Research*, v. 12, n. 4, pp. 303-329.

Carter, R., & Van Auken, H. (2006). Small firm bankruptcy. *Journal of Small Business Management*, v. 44, n. 4, pp. 493-512.

CNC. Confederação Nacional do Comércio. (2017). *Empresômetro MPE*. Disponível em: <<https://www.empresometro.com.br>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

CNC. Confederação Nacional do Comércio. (2015). *Empresômetro MPE*. Disponível em: <<https://www.empresometro.com.br>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

Dutra, I. S., & Previdelli, J. J. (2010). Fatores condicionantes da mortalidade de empresas: um estudo dos empreendedores de micro e pequenas empresas paranaenses. *Revista Capital Científico*, v. 3, n. 1, pp. 29-50.

Escrivão, E. F., Albuquerque, A. F., Nagano, M. S., Philipsen, L. A. P., Junior, & Oliveira, J. (2017). Identifying SME mortality factors in the life cycle stages: an empirical approach of relevant factors for small business owner-managers in Brazil. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, v. 7, n. 1, pp. 1-15.

Everett, J., & Watson, J. (1998). Small business failure and external risk factors. *Small Business Economics*, v. 11, n. 4, pp. 371-390.

Fávero, L. P., Belfiore, P., Silva, F. L., & Chan, B. L. (2009). *Análise de Dados - Modelagem multivariada para tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier.

Felippe, M. C., Ishisaki, N., & Krom, V. (2004). Fatores condicionantes da mortalidade das pequenas e médias empresas na cidade de São José dos Campos. In *Anais do 7º SEMEAD – Seminários em Administração, FEA/USP*. São Paulo, SP.



Ferreira, L. F. F., Oliva, F. L., Santos, S. D., Grisi, C. D. H., & Lima, A. C. (2012). Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. *Gestão & Produção*, v. 19, n. 4, pp. 811-823.

Frese, M., Brantjes, A., & Hoorn, R. (2002). Psychological success factors of small-scale businesses in Namibia: the roles of strategy process, entrepreneurial orientation and the environment. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, v. 7, n. 3, pp. 259-282.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. (2013). *Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo*. Curitiba: IBQP.

Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.

Hall, G. (1994). Factors distinguishing survivors from failures amongst small firms in the UK construction sector. *Journal of Management Studies*, v. 31, n. 5, pp. 737-760.

Keeble, D., & Walker, S. (1994). New firms, small firms and dead firms – spatial patterns and determinants in the United Kingdom. *Regional Studies*, v. 28, n. 4, pp. 411-427.

Likert, R. (1932) A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology*, v. 140, pp. 5-55.

Lima, M. V. A., Filardi, L. F., & Lopes, A. L. M. (2009) Avaliação multicritério do risco percebido dos fatores contribuintes para a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas no Brasil. In *Anais do 12º Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais–SIMPOI*. São Paulo, SP: FGV.

Low, M. B., & MacMillan, I. C. (1988). Entrepreneurship: Past research and future challenges. *Journal of Management*, v. 14, n. 2, pp. 139-161.

Lussier, R. N. (1996). Reasons why small businesses fail: and how to avoid failure. *The Entrepreneurial Executive*, v. 1, n. 2, pp. 10-17.

Machado, H. P. V., & Espinha, P. G. (2005). Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas. *Revista Capital Científico*, v. 3, n. 1, pp. 51-64.

McClave J. T., Benson P. G., & Sincich T. (2009). *Estatística para Administração e Economia* (10. ed.). São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2005). *Fundamentos de metodologia científica*. (6. ed.). São Paulo: Atlas.

Morrison, A., Breen, J., & Ali, S. (2003). Small business growth: intention, ability e opportunity. *Journal of Small Business Management*, v. 41, n. 4, pp. 417-425.

Mourao, P. R., & Oliveira, A. (2012). Determinantes regionais da Sobrevivência e da mortalidade das Empresas–o Caso Português. *Revista Brasileira de Economia de Empresas*, v. 10, n. 2.

Nascimento, M., Lima, C. R. M., Lima, M. A., & Ensslin, E. R. (2013). Fatores determinantes da mortalidade de micro e pequenas empresas da região metropolitana de Florianópolis sob a ótica do contador. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, v. 6, n. 2, pp. 244-283.

Ortigara, A. A., Grapeggia, M., & Cândido, M. S. (2011). Causas que condicionam a mortalidade e/ou o sucesso das micro e pequenas empresas no Estado de Santa Catarina. *CAP Accounting and Management*, v. 5, n. 5, pp. 48-55.



Pinheiro, R. W., Silva, W. A. C., & Araújo, E. A. T. (2013). Análise conjunta do ciclo de vida e da longevidade empresarial: um enfoque em indústria, comércio e agronegócio. *Revista de Negócios*, v. 18, n. 3, pp. 37-57.

Quadros, J. N., Segatto, S. S., Weise, A. D., Cipolat, C., Silveira, D. D., & Weber, L. R. (2012). Planejamento estratégico para pequena empresa: um estudo de caso em uma pequena empresa de Santa Maria/RS. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 6, n. 2, pp. 71-88.

Rogoff, E. G., Lee, M. S., & Suh, D. C. (2004). "Who done it?" Attributions by entrepreneurs and experts of the factors that cause and impede small business success. *Journal of Small Business Management*, v. 42, n. 4, pp. 364-376.

Sales, R. L., de Barros, A. A., & Pereira, C. M. M. A. (2011). Fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios em um típico município interiorano brasileiro. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 2, n. 2, pp. 38-55.

Santini, S., Favarin, E. V., Nogueira, M. A., Oliveira, M. L., & Ruppenthal, J. E. (2015). Fatores de mortalidade em micro e pequenas empresas: um estudo na região central do Rio Grande do Sul. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, v. 8, n. 1, pp. 145-169.

Sebrae. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2016). *Sobrevivência das empresas no Brasil* (M. A. Bedê, Coord.). Brasília: Sebrae.

Sebrae. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2013). *Participação das micro e pequenas empresas na economia brasileira*. Brasília: Sebrae.

Sebrae. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2006). *Lei geral das Micro e Pequenas Empresas*. Brasília. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-implementacao-da-lei-geral>>. Acesso em 12 out. 2018.

Simons, R. (1999). How risky is your company? *Harvard Business Review*, v. 77, pp. 85-95.

Xavier, M. B., Carvalho, F. S., Silva, J. C. G., Rezende, A. A., & Longuinhos, M. A. A. (2009). Causas gerenciais e ambientais da mortalidade de micro e pequenas empresas: um estudo com empresários de Vitória da Conquista, Bahia. *Caderno de Ciências Sociais Aplicadas*, v. 5, n. 6, pp. 61-78.

Para citar este artigo:

de Araújo, F., de Moraes, F., & Pandolfi, E. (2019). A Fábula Dos Mortos-Vivos: Determinantes da Mortalidade Empresarial Presentes em Micro e Pequenas Empresas Ativas. *REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 8(2), 250-271. doi:<http://dx.doi.org/10.14211/regepe.v8i2.763>